

EDUCAÇÃO MUSICAL NA UNIVERSIDADE: UMA ANÁLISE A PARTIR DA CRIAÇÃO DE UM ESTÚDIO DE ENSAIOS EM ARARAS (SP)

MUSICAL EDUCATION AT THE UNIVERSITY: AN ANALYSIS FROM THE CREATION OF THE REHEARSAL STUDIO AT UFSCAR IN ARARAS (SP)

EDUCACIÓN MUSICAL EN LA UNIVERSIDAD: UNA ANÁLISIS DESDE LA CREACIÓN DE UN ESTUDIO DE ENSAYOS EN ARARAS, SP

Luiz Antonio Norder¹
Amanda Araujo Dias de Melo²
Gustavo de Andrade Poyares³
Leonardo Silva de Oliveira⁴

Resumo: Este artigo analisa o acesso à formação musical e o interesse pelo aprendizado de música entre estudantes de graduação na Universidade Federal de São Carlos, campus de Araras, com base em 459 questionários estruturados. Há a apresentação do contexto musical no município e um histórico sobre a criação de um estúdio de ensaios musicais no campus. A pesquisa mostra que as desigualdades sociais e de gênero se expressam no acesso à educação musical; a maioria dos discentes, especialmente os que tiveram menor acesso à esta formação específica, manifesta interesse no aprendizado de música durante o ensino de graduação.

Palavras-chave: Ensino Superior; Cultura; Musicalização.

Abstract: this article analyzes the access to musical education and interest in music learning among undergraduate students at the Federal University of São Carlos, Araras campus, based on 459 structured questionnaires. There is a presentation of the musical context in the municipality and a history about the creation of a music rehearsal studio on the campus. The research shows that social and gender inequalities are expressed in access to music education; most students, especially those who had less access to this specific training, express an interest in learning music during undergraduate education.

Key-words: University; Culture; Education.

Resumen: Este artículo analiza el acceso a la educación musical y el interés por la aprendizaje musical entre estudiantes de pregrado de la Universidad Federal de São Carlos, campus de Araras, con base en 459 cuestionarios estructurados. Hay una presentación del contexto musical local y sobre la creación de un estudio de ensayos musicales en el campus. La investigación muestra que las desigualdades sociales y de género se expresan en el acceso a la educación musical; la mayoría de los estudiantes, especialmente aquellos que tuvieron menos acceso a esta formación específica, expresan interés en aprender música durante la educación de pregrado.

Palabras-claves: Educación superior; Cultura; Musicalización.

¹ Professor Associado do Departamento de Desenvolvimento Rural da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. luiz.norder@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-3710-2468>

² Discente da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. amanda.araujodmelo@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-0123-9780>

³ Discente da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. guandradedm@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-1422-2475>

⁴ Discente da Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, São Paulo, Brasil. leosilva1998@hotmail.com. <https://orcid.org/0000-0001-6570-2319>

INTRODUÇÃO

Há uma grande diversidade de formas de inserção da música nas relações sociais e, especificamente, no campo da educação. Isso porque a música tem uma forte presença no teatro, no cinema, em cerimônias religiosas e festas tradicionais, em práticas terapêuticas, em atividades educacionais, na publicidade, na indústria cultural, em mobilizações políticas, entre vários outros setores da economia e campos da cultura e da sociabilidade (CAMPOS, 2007; BOURDIEU, 1984). Esta complexidade e variedade dos fenômenos sociais e culturais relacionados à música vem sendo objeto de pesquisa não apenas na musicologia, que se estabeleceu como disciplina científica em algumas universidades a partir da segunda metade do século XIX, mas também em diversas abordagens interdisciplinares ou como parte de subcampos temáticos específicos em diversas disciplinas: sociologia, antropologia, filosofia, psicologia, semiótica, economia, geografia, educação, entre outras (BREUNER, 2011; SHEPHERD, 1994; ADORNO, 2011; BASTOS, 1995. TOMÁS, 2009).

Paralelamente, a área de Educação Musical, institucionalizada no Brasil a partir da década de 1940, consolidou-se sobretudo ao longo dos anos 1960 – e, como parte desta e do aprofundamento das próprias disciplinas, surgiram subáreas como a Filosofia da Educação Musical, a Psicologia da Educação Musical e a Sociologia da Educação Musical (SOUZA, 2020). Ganha importância, em uma perspectiva sociológica, a análise de fatores como classe social, gênero, etnia, entre outros, que repercutem nas *“maneiras pelas quais a organização social da prática musical e a construção social do significado social”*, de acordo com Green (1997, p. 32; 33), autora que reforça a importância de

se *“entender as diferentes práticas musicais dos diferentes grupos de estudantes na escola, abordando também os conceitos do significado da música, de alunos e professores”*. Uma das controvérsias sobre este processo, na Filosofia da Educação Musical, reside na *“concepção de experiência musical como educação da sensibilidade estética”*, como mostra Lazzarin (2005, p. 104).

Há estudos sobre diferentes aspectos dos processos de educação musical em vários níveis do sistema escolar formal, em espaços identificados com a educação não-formal (FUCCI-AMATO, 2016) e abordagens sobre situações sociais específicas, entre as quais: ações no ensino fundamental e médio na rede pública, programas de educação de jovens e adultos, idosos, mulheres e populações quilombolas, entre várias outras (RIBAS, 2006; FERNANDES, 2014; FIGUERÊDO, 2008; LIMA, 2016; SIQUEIRA, 2019; ROMERO, 2010; DIAS, 2013). Quanto às universidades, há um importante conjunto de pesquisas sobre as peculiaridades dos cursos de graduação (Bacharelado e Licenciatura) em Música (LOURO; SOUZA, 2013).

Pode-se afirmar, por outro lado, que há uma ausência de estudos mais detalhados sobre a importância e as peculiaridades das atividades de educação musical de estudantes de graduação nas diferentes áreas do conhecimento. As iniciativas neste sentido são pouco divulgadas ou sistematizadas. Diante disso, o objetivo deste artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa sobre educação musical no ambiente universitário não relacionado aos cursos de graduação em música e caracterizar o processo de criação de um espaço específico para a prática musical no Centro de Ciências Agrárias (CCA) da

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) ao longo do ano de 2019.

Para tanto, foi realizada uma pesquisa qualitativa sobre o contexto musical no município de Araras (SP) e sobre o processo inicial de implementação do Estúdio de Ensaios Musicais do CCA/UFSCAR; e uma análise, com base em pesquisa quantitativa, sobre o perfil sociocultural e o acesso dos discentes à educação musical antes da Universidade, bem como sobre a percepção e o interesse dos mesmos em relação à educação musical. As próximas seções apresentam considerações históricas e conceituais com base na bibliografia associada ao tema, a metodologia utilizada na pesquisa de campo e os resultados obtidos.

EDUCAÇÃO MUSICAL E SOCIEDADE

A música se apresenta, na formação da pessoa, desde a primeira infância, na constituição da fala, na consolidação de uma identidade musico-cultural, na assimilação de informações, no desenvolvimento dos movimentos corporais; contribui para a constituição neurobiológica, pelo estímulo do sistema nervoso, de forma a reorganizar seu desenvolvimento e possibilitar o aprimoramento de habilidade cognitivas, sendo utilizada como parte de estratégias pedagógicas junto a estudantes dos ensinos básico, fundamental, médio e na educação de jovens e adultos (KEBACH, 2008; GORDON, 2000; BORGES, 2015).

A música também facilita o desenvolvimento de habilidades de expressão, amplia a autoestima, a liberdade vocal e corporal e, por isso, influencia as próprias relações sociais e educacionais. No elo entre som e silêncio são reforçadas habilidades como concentração, atenção,

raciocínio, memória, associação e codificação (SOUZA, 2016; GOHN; STRAVACAS, 2010). Tais práticas propõem formas de manifestação associadas ao senso crítico, à empatia no diálogo musical e na expressão artística, corroborando para o desenvolvimento do sujeito em sentido amplo (SANTOS, 2012).

Estas atividades, planejadas no ambiente pré-escolar, por exemplo, são também identificadas como *musicalização* – e promovem o estudo da memória musical e cultural compartilhada e a integração entre elementos sonoros e rítmicos e a aprendizagem (GOMES, 2015; GORDON, 2000; PIEDADE, 1997). Estudos demonstram a relevância e a múltipla aplicação do conceito de musicalização para diversas áreas da educação, como a educação ambiental, o ensino de ciências exatas, a educação especial, o ensino de línguas, entre várias outras. Há, entretanto, uma predominância no uso do termo musicalização para a área da educação infantil, como instrumento de facilitação no processo de aprendizagem (NOVIKOFF, 2015; GOMES, 2015; PAIVA, 2012; BOUFLEUR, 2017).

Os primeiros contatos com a música surgem em tempos pré-escolares, através de práticas não-formais com pais e pessoas próximas. Conforme os anos letivos vão se passando, os currículos distanciam-se da música e, com isso, a escola perde a oportunidade de abordar no processo de ensino-aprendizagem um conteúdo que possui ligação estreita com o cotidiano do aluno (GOHN; STRAVACAS, 2010). Boa parte dos professores de artes atuantes na rede de ensino básico, fundamental e médio possui formação em Educação Artística, mas em geral com maior ênfase nas artes plásticas. Com isso, é comum a minimização ou exclusão de conteúdos propriamente

musicais nas disciplinas de educação artística (PENNA, 2002).

As leis e diretrizes educacionais brasileiras passaram a definir a música como conteúdo opcional nas escolas a partir do início da década de 60. Posteriormente, com uma concepção pedagógica pró-criatividade na educação, tornaram-se de caráter obrigatório a partir de 1971, por meio da disciplina de Educação Artística (PIRES, 2003). Com a Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008, a música passa a ser incluída no currículo da Educação Básica, tanto de escolas públicas quanto particulares, como disciplina específica ou como elemento integrado às demais disciplinas visando a construção da identidade cultural e desenvolvimento auditivo, linguístico e cognitivo na primeira infância (BORGES, 2015).

No entanto, observa-se que a musicalização, tomada como o processo de construção do conhecimento musical, e as ações de educação musical não possuem implementação garantida em nenhum dos níveis escolares; o currículo de artes nas escolas, no qual se insere o ensino de música, é muitas vezes ministrado de forma instável e heterogênea (ARROYO, 2004; PIRES, 2003). O corpo docente responsável por ministrar essas aulas necessita de uma polivalência para atuar nos diferentes conteúdos pedagógicos previstos no currículo: artes cênicas, artes plásticas, música e dança. Assim, a inserção da prática musical nas atividades educacionais tem se deparado, historicamente, com uma série de limitações.

No ensino superior em Música, nota-se a busca de inovações, geradoras de pluralidades, e a valorização da criatividade em relação às práticas tradicionais dos conservatórios, também denominada *habitus conservatorial*, no qual há, entre outros aspectos, maior ênfase para conteúdos

musicais específicos do que para os pedagógicos (FONTERRADA, 2015; SOUZA, 2015; PEREIRA, 2013). Ainda assim, os professores formados em música muitas vezes voltam suas ações de ensino para as aulas particulares e para os conservatórios e escolas de música, que oferecem cursos no universo da educação não-formal, e nem tanto na rede pública de ensino, que oferece maiores obstáculos aos educadores com esta formação específica (PENNA, 2002).

Este conjunto de fatores está associado a uma instabilidade e precariedade na inserção da educação musical na rede pública. Há, evidentemente, diversos projetos desenvolvidos ou apoiados por governos municipais, estaduais e federal, que oferecem aulas gratuitas de alguns instrumentos e outras práticas de ensino de música. Também podem ser mencionados projetos sociais realizados por Organizações Não-Governamentais (ONG's), como o realizado pela Associação Meninos do Morumbi e o Projeto Guri, em São Paulo, e o Projeto Villa-Lobinhos, no Rio de Janeiro, entre muitos outros, que utilizam, com reconhecido êxito, a educação musical como instrumento central de uma proposta socioeducativa (KLEBER, 2008).

Ainda que estas iniciativas representem um avanço no sentido da atenuação das disparidades sociais, a educação musical permanece como um conteúdo pouco estimulado e de difícil acesso para boa parte da população. Além do enfoque sobre a desigualdade econômica, destaca-se ainda a realização de pesquisas e reflexões sobre as desigualdades de gênero e étnicas-raciais nos processos de educação musical (PAGES, WILLE, 2017; ALMEIDA, 2006). Esse cenário reforça a importância da realização de estudos mais aprofundados sobre as

especificidades desta temática em diferentes contextos, entre os quais o universitário.

METODOLOGIA

A pesquisa quantitativa sobre a percepção dos discentes sobre o acesso à educação musical foi realizada a partir da aplicação de questionário estruturado, com respostas pré-definidas, únicas ou múltiplas, complementadas por algumas respostas em formato textual, junto aos discentes dos seis cursos de graduação ofertados no Centro de Ciências Agrárias (CCA), campus de Araras (SP) da Universidade Federal de São Carlos: Agroecologia, Agronomia, Biotecnologia, Ciências Biológicas, Química e Física. Os três primeiros são ofertados na modalidade Bacharelado em tempo integral e os demais na modalidade Licenciatura no período noturno. Para a realização da contextualização histórica e local presente nos itens 4.1 e 4.2 foi realizada pesquisa documental e registro da memória de atividades realizadas.

Foram também aplicados 459 questionários em maio e agosto de 2019, sendo 90 discentes de Agroecologia, 128 de Agronomia, 26 de Biotecnologia, 113 de Biologia, 52 de Física e 50 de Química. Além destes, a Universidade oferece outros 50 cursos presenciais de graduação em sua sede no município de São Carlos e nos campi de Sorocaba e Buri – e 58 programas de pós-graduação acadêmica (mestrado/doutorado). O questionário para a pesquisa quantitativa foi impresso e distribuído aos discentes para autopreenchimento e, em seguida, digitalizado em planilha eletrônica.

Embora houvesse a intenção inicial de realização de um levantamento censitário, nem todos os discentes matriculados foram pesquisados por não terem sido localizados,

por preferirem não participar ou por estarem realizando estágios fora do campus. Ainda assim, foi possível realizar a aplicação do questionário junto a aproximadamente 48% do total de 949 discentes matriculados. Houve variações no percentual de questionários aplicados em relação ao total de discentes matriculados por curso: Agroecologia, 66%; Agronomia, 47%; Biologia, 62%; Biotecnologia, 20%; Física, 60%; Química, 32%. São, portanto, 244 (54%) discentes de Bacharelado/Engenharia em Ciências Agrárias no período diurno/integral e 215 (46%) de Licenciatura em Ciências Naturais com aulas majoritariamente no período noturno, o que corresponde ao total de discentes nestas duas situações.

Em alguns formulários, uma parte das questões não foi preenchida ou ocorreu de forma dúbia ou inconsistente - e nesses casos as respostas foram desconsideradas pontualmente. Por esse motivo, há uma pequena variação no total de respostas válidas por questão apresentada. Os percentuais referem-se ao total de respostas válidas por pergunta. É importante destacar que este estudo de caso propõe uma *transferibilidade cognitiva*, característica que permite aos estudos de caso, quantitativos ou qualitativos, realizar interações críticas e dinâmicas entre formulações conceituais/teóricas e constatações fatuais/empíricas (VAUGHAN, 1992; WALTON, 1992).

RESULTADOS

Esta seção apresenta algumas das práticas musicais com a participação de estudantes universitários em Araras (SP) e o histórico da criação do Estúdio de Ensaios Musicais no CCA/UFSCar; em seguida, são analisados os dados da pesquisa quantitativa

em relação ao acesso à educação musical e o interesse dos discentes por atividades de formação musical durante o período de graduação.

PRÁTICAS MUSICAIS E UNIVERSITÁRIOS EM ARARAS (SP)

Situado a 150 km da capital, o município de Araras (SP) possui uma população de, aproximadamente, 135 mil habitantes e um IDH de 0,781, considerado alto; apresenta uma escolarização de 97,5% na faixa etária de 6 a 14 anos e conta com quatro instituições de ensino superior, sendo três particulares (Unar, Uniararas e Universidade São Leopoldo Mandic) e um campus da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), o que aponta para a importância local do ensino universitário. A Prefeitura oferece para o público em geral cursos gratuitos para diversos instrumentos: violão, guitarra, coral, violino, teclados, cavaquinho.

Há no município atividades musicais e músicos atuantes em diversos espaços: bares (Fritz, Coffee 595), moto-clubes (Sinistro MC), recantos (Primitivos Oficina Bar, no Assentamento Araras III), eventos com artistas populares da música brasileira (festas do peão, do café e do chocolate) e teatro, entre outras. Há também alguns grupos e bandas regionais de música autoral de diferentes estilos: experimental (O Lado Escuro do Ralo), reggae (Gaiuna), rock (Horned Owl Valley), MPB (Carulina), samba e MPB (Carandina), ecomúsica (Alexandre Braz) e gêneros diversos (O Último dos Dons). Há no município seis homestudios que são alugados para ensaios e gravações.

Na Uniararas, nos últimos anos vem sendo realizado pelos estudantes do Centro Acadêmico de Psicologia um Sarau Cultural

no espaço conhecido como Matão, próximo ao campus, com exposições artísticas e musicais; dentro do campus, organizado pela própria Direção, vem ocorrendo, anualmente, uma espécie de show de talentos, como parte do cronograma de eventos do Trote Solidário, contando com premiações aos vencedores.

No campus da UFSCar, foram realizados diversos eventos culturais com música ao vivo, sobretudo durante os *Pizzaraus*, com palco aberto e gastronomia, organizados pelos estudantes desde 2009 no espaço do Diretório Acadêmico. Este mesmo espaço passou a ser utilizado de diversas formas por vários grupos e chegou a ser adaptado para a realização de ensaios musicais de algumas bandas de estudantes. Outro evento relevante na consolidação das práticas musicais no campus foi o *Festival Agro Cultural*, que contou com três edições que promoveram interações entre alunos de diversos cursos, atividades em grupo e apresentação de bandas com atuação nacional, como Tribo do Sol e Beto Rasta.

Em 2019, a Universidade, visando o fomento à atividade artística e cultural no campus, concluiu a construção de um pequeno teatro de arena com arquibancada, palco e cobertura de estrutura metálica e lona, espaço que começou a ser utilizado para saraus entre alunos e professores e para as atividades da *Calourada* na primeira semana do ano letivo em 2020. Em certas ocasiões e eventos, há a montagem de pequenos palcos apresentações musicais, em geral de bandas locais, no bloco principal do campus. Em algumas repúblicas de estudantes da UFSCar, como Zona Rural, Refazenda, Mangarosa e Methiolate, são desenvolvidas algumas práticas musicais em conjunto, havendo inclusive o caso da formação de bandas, entre as quais estão

Bongtrip, Florada, Poncã e Roots Rock Reggae.

Há, portanto, uma diversificada interação entre os músicos locais e os estudantes universitários, tanto na organização de eventos quanto na participação de iniciativas culturais realizadas no município, em repúblicas e no interior das próprias instituições. Algumas das atividades musicais são organizadas como parte de eventos científicos e culturais realizados periodicamente, de forma que as práticas de música ao vivo podem ser consideradas como um dos elementos constitutivos das atividades acadêmicas nas instituições de ensino superior do município e na vida cotidiana de parte de seus estudantes, docentes e demais servidores.

A CRIAÇÃO DO ESTÚDIO DE ENSAIOS MÚSICAIS NO CCA/UFSCAR

No final de março de 2019 começou a ser idealizada a criação de um espaço no campus da UFSCar em Araras com condições adequadas para a prática musical em conjunto e para a realização de ações de ensino-aprendizagem, a princípio, entre os próprios discentes. De forma praticamente imediata foi formado um grupo de, aproximadamente, dez estudantes interessados em viabilizar uma proposta de criação de um estúdio de ensaios musicais no campus. Em poucos dias foi identificado um antigo barracão, que vinha servindo como depósito de resíduos inertes, como um local com grande potencial para esta finalidade.

O barracão possui 45 m² (9m x 5m) e é parte de um conjunto predial identificado popularmente como uma Senzala, local de grande relevância simbólica para o movimento negro no município, na antiga Fazenda Santa Escolástica, fundada no século

XIX. Além desta área, o conjunto predial da Senzala é composto por um bloco principal, de aproximadamente 200 m², em tijolos grandes aparentes, sem o telhado e as janelas e portas originais, atualmente utilizado para atividades de canoagem e gestão de resíduos sólidos. Há lendas e rumores sobre o local, inclusive sobre a possível existência de um tronco para castigos corporais, e relatos de que continha grandes panelas, conchas e colheres, entre outros objetos. Esta especificidade do local tornou-se de grande relevância para a proposta.

O conjunto predial da Senzala é formado ainda por um terceiro barracão, provavelmente do mesmo período e um pouco menor que o anterior, parcialmente rebocado e reformado, mas com o telhado original, onde funciona uma oficina de serviços gerais; um pequeno paiol de madeira, com cerca de 20 m², coberto com telhas antigas originais, onde, segundo conta-se, em baixo do piso de madeira em elevação, dormiam sujeitos escravizados para conter eventuais pilhagens atribuídas a fugitivos e aquilombados; uma edificação de aproximadamente 80 m² construída provavelmente no início da década de 1950 para a criação de uma escola vinculada ao Instituto do Açúcar e do Alcool (IAA), que passou a desenvolver suas atividades logo após a aquisição da fazenda pelo governo municipal. Em 1991 o IAA foi extinto e suas instalações e servidores foram transferidos para a UFSCar.

Em abril de 2019 foi elaborado o projeto de extensão *Diálogos sobre Musicalização na Universidade* (Atividade Proex/UFSCar 23112.002105/2019-50) que apresentava formalmente a demanda de espaço físico para a realização de atividades musicais; este projeto contou com a

participação do grupo de estudantes que, pouco depois, passou a ser denominado *Coletivo Pró-Música do CCA*, com comunicação por aplicativo e reuniões semanais. Nas reuniões, foi-se delineando a importância de um levantamento de informações sobre o acesso prévio e o interesse dos discentes em relação à educação musical, o que levou à elaboração de um questionário estruturado sobre o conhecimento e o envolvimento musical dos estudantes – e que deu origem aos dados apresentados a seguir.

O objetivo geral era realizar atividades para incentivar a continuidade, a retomada ou a iniciação no saber musical durante a graduação através de atividades entre os próprios estudantes, promover a interação com artistas do município, propor ações com professores de música da rede pública e realizar eventos culturais no formato de uma *comunidade de aprendizagem*, no sentido de “crear conocimiento como un bien colectivo, de manera que la sociedad sea construida por todos y para todos, possibilitando que cada individuo se convierta a su vez en alumno y mentor” (MARTÍNEZ, 2016: 18-19).

A proposta de instalação de um estúdio na antiga Senzala levou o grupo a definir a diretriz de estabelecer contato com representantes do movimento negro de Araras como parte de um processo de reocupação do espaço de forma respeitosa com sua história e significado. Assim, lideranças no município e no Assentamento de Araras III com atuação na questão racial e na defesa da religiosidade afro-brasileira, já conhecidas pelo grupo, foram convidadas para conhecer e participar das atividades.

Três meses após a idealização da proposta, houve a aprovação, no início de julho, da solicitação de utilização do barracão pelo Conselho de Centro (CoC) e, com apoio

da Diretoria do CCA/UFSCar, o espaço começou a ser reformado, após destinação dos resíduos ali depositados. Foi necessário refazer o telhado, efetuar alguns reparos na alvenaria e instalar uma porta. Após a primeira etapa da reforma, foram organizados mutirões com os participantes do projeto para limpeza e pintura do espaço e plantio de mudas, em sua maioria frutíferas, com o intuito de harmonizar o entorno do estúdio; em outubro, a Universidade concluiu a instalação elétrica. Alguns equipamentos em situação de desuso em outras dependências do campus, como uma mesa de som, caixas com autofalantes, microfones e pedestais, puderam ser reaproveitados.

Durante a reforma da edificação, foi organizado o minicurso *Musicalização na Universidade: teorias e práticas* com a apresentação de diversas palestras apresentadas em outubro e novembro por músicos e professores: Alexandre Braz, Átila Ramirez, Adilson Brandão, Gabriel Zara, Janice Borges, José Alessandro Silva e Kauê Beck. O minicurso, com duração de 16 horas, reuniu estudantes e docentes da UFSCar e três músicos residentes do município Araras: Alexandre Braz, Daniel Viola e Lucas Fróes, além da presença, em uma das atividades, de Dona Neuza Maria Pereira Lima, militante histórica no movimento negro ararense⁵, que demonstrou interesse em acompanhar a instalação do Estúdio no espaço da antiga Senzala. O minicurso possibilitou definir algumas linhas de ação para o projeto, ampliar a vinculação com músicos da cidade e

⁵ Para mais informações e acesso a um expressivo acervo documental sobre a história do movimento negro em Araras, ver: <https://acafoararas.wordpress.com/>

compartilhar reflexões educação musical em geral e no meio universitário, em sua especificidade.

No final de outubro, sete meses após sua idealização, foi inaugurado o Estúdio de Ensaio Musicais do CCA/UFSCar, com a presença de estudantes, professores e representantes do movimento negro local. Para realizar a primeira expressão musical no local, foram convidados integrantes da comunidade de terreiro Ylê Axé de Iansã e coube a mãe Oyassy realizar os primeiros cantos no novo espaço. Houve também apresentação de viola caipira, hip-hop e reggae por parte de estudantes do campus.

Naquele momento, o Estúdio contava com os equipamentos reaproveitados e uma guitarra cedida por um dos professores do campus; outros instrumentos, como bateria e amplificadores de guitarra e baixo, haviam sido emprestados por discentes e docentes, mas alguns precisavam ser devolvidos no curto prazo; outros foram doados ou emprestados sem prazo para devolução. Com isso, o Estúdio passou a ser utilizado por alguns grupos. Em seguida, uma bateria acústica e uma caixa de baixo foram reformadas e disponibilizadas para o Estúdio. No final de outubro, o *Coletivo Pró-Música* foi convidado pela Unicamp, campus de Limeira, para apresentar suas propostas e ações no evento *Mesa Arte no Campus: a universidade como espaço artístico*. Começava também a ser planejada uma interação com docentes do curso de música na sede da UFSCar em São Carlos.

No início de 2020, houve a deliberação da Diretoria do Campus de viabilizar a instalação de um aparelho de ar condicionado e de um forro na estrutura do telhado, além da recuperação, na área externa contígua, de uma pequena varanda com banheiros que era parte da escola criada

em 1954 – e também a aprovação em edital da Pró-Reitoria de Extensão (Proex) de uma bolsa de quatro meses para o projeto *Organização e Sistematização das Atividades Culturais e Educacionais no Estúdio de Ensaio Musicais do CCA/UFSCar* (Atividade 23112.108940/2019-01).

Consolidava-se também a intenção do grupo de promover uma revalorização e fomentar novas formas de uso do conjunto predial da Senzala. Assim, no início de 2020 foi elaborado e apresentado um projeto de iniciação científica para levantar fontes de informação sobre a história da Senzala da antiga Fazenda Santa Escolástica⁶. Em março, o Estúdio teve suas atividades suspensas em decorrência da pandemia do Covid-19.

CONDIÇÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO MUSICAL ENTRE UNIVERSITÁRIOS

Dados da pesquisa de campo realizada no CCA/UFSCar sumarizados na Tabela 1 permitem elaborar, a partir das respostas válidas para cada pergunta, uma caracterização do universo social aqui analisado. Do total de 459 questionários, 55,2% foram respondidos por mulheres e 43,6% por homens; 51,8% apresentavam idade até 21 anos, 36,2% tinham entre 22 a 25 anos, 9,4% tinham entre 26 a 38 anos e apenas 0,8% contavam com 40 anos ou mais.

Em relação aos cursos de graduação, 27% estavam matriculados em Engenharia Agrônoma, 24,6% em Ciências Biológicas, 19,6% em Agroecologia, 11,3% em Física, 10,9% em Química e 5,6% em Biotecnologia.

⁶ Poyares, G. A. *Histórias e memórias sobre a antiga Senzala no CCA/UFSCar*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, Projeto de Iniciação Científica aprovado no Edital Propq/Copict 2020/2021.

Quanto ao ano de ingresso dos discentes que preencheram os questionários, há 24,0% de ingressantes em 2019, 17,9% em 2018, 17,0% em 2017, 20,9% em 2016 e 17% em anos anteriores. Os cotistas eram 35,9% e os não

cotistas 63,4%. Os estudantes oriundos, de forma exclusiva ou preponderante, de escolas públicas de ensino médio somavam 51,8% e os de escolas privadas, 47,3%.

Tabela 1. Acesso ao ensino de música entre discentes do CCA/UFSCar em 2019 (%)

	% ref. total (459)	n.	Não estudaram música (%)	Estudaram música menos de um ano (%)	Estudaram música por um ano ou mais (%)
Total	100	459	33,5	32,7	32,5
Mulheres	55,1	253	38,8	34,0	27,2
Homens	43,6	200	28,9	31,4	39,5
Cotistas	35,9	165	42,3	29,4	28,2
Não-Cotistas	63,4	291	29,5	35,4	35,0
Ensino Médio Público	51,8	238	39,1	29,7	31,0
Ensino Médio Privado	47,5	218	28,3	36,7	34,8
Agronomia	27,9	128	33,5	32,0	34,3
Agroecologia	19,6	90	28,8	34,4	36,6
Biologia	24,6	113	35,1	36,1	28,7
Biotecnologia	5,7	26	30,7	30,7	38,4
Física	11,3	52	31,3	35,2	33,3
Química	10,9	50	46,9	26,5	26,5
Teve boas oportunidades	34,5	160	15,2	27,4	57,3
Teve poucas oportunidades	40,5	186	33,1	42,3	24,4
Não teve oportunidades	22,0	101	66,3	25,7	7,9

Fonte: Pesquisa de Campo, 2019. Percentuais referentes ao total de 459 questionários, considerando apenas as respostas válidas.

Os discentes entrevistados que consideravam ter tido boas oportunidades de estudar música antes da graduação constituíam 36,6% do total; 22% afirmaram que não tiveram acesso a boas oportunidades e outros 40% avaliaram que tiveram poucas oportunidades relacionadas ao ensino de música. Os discentes que estudaram música por um ano ou mais eram aproximadamente um terço do total: 32,4% (n=149), resultado bastante similar ao dos que estudaram por um curto período, inferior a um ano (32,7%; n=150) e ao dos que não chegaram a estudar qualquer instrumento musical (33,5%; n=154). Estas três diferentes situações em relação ao acesso à educação musical foram utilizadas

como parâmetros para a caracterização social dos discentes pesquisados.

Estes dados permitem duas relevantes comparações iniciais relacionadas à relação entre desigualdade social e acesso à educação musical. Uma delas é a diferença de tempo dedicado ao estudo de música entre os gêneros: 38,8% das mulheres nunca estudou música, contra 28,9% dos homens; 39,5% dos homens estudaram música por mais de um ano – e as mulheres, 27,2%. Um segundo contraste pode ser observado na diferença de tempo dedicado ao estudo de música entre alunos cotistas e não-cotistas (homens e mulheres). Nunca estudaram música: 42,3% dos cotistas e 29,5% dos não cotistas. Estudaram música por mais de um

ano: 28,2% dos cotistas e 35% dos não-cotistas.

Um terceiro recorte comparativo diz respeito à importância do acesso a boas oportunidades de educação musical. Dentre os discentes que consideravam que não tiveram com boas oportunidades de educação musical, 66,3% nunca estudaram música; diferentemente, apenas 15,2 % dos alunos que consideram que tiveram boas oportunidade deixaram de aproveitá-las.

A Tabela 2 mostra que o acesso à educação musical é menos frequente entre estudantes que cursaram o ensino médio em escolas públicas do que os(as) que estudaram na rede privada. Além disso, ainda que as mulheres tenham estudado música em menor proporção, como vimos acima, não houve entre elas uma percepção de que suas oportunidades tivessem sido substancialmente menos favoráveis do que a dos homens, o que aponta para a relevância de pesquisas mais detalhadas sobre aspectos culturais na análise do acesso feminino à educação musical.

Tabela 2 Percepções de estudantes do CCA/UFSCar sobre educação musical (%)

	n.	Tiveram boas oportunidades	Teve poucas oportunidades	Não tiveram boas oportunidades
Total	455	36,9	40,9	22,2
Mulheres	242	36,7	42,6	24,0
Homens	198	38,9	41,4	19,7
Cotistas	167	26,9	44,9	28,1
Não-Cotistas	287	41,8	39,4	18,8
Ensino Médio Público	236	27,5	44,5	28,0
Ensino Médio Privado	215	46,5	37,2	16,3

Fonte: Pesquisa de Campo, 2019. Percentuais referentes ao total de 459 questionários, com pequenas variações no total de respostas válidas por pergunta.

Dados complementares indicam que a vasta maioria dos(as) estudantes

entrevistados(as) (90,6%) indicou a viabilidade de se conciliar os estudos acadêmicos na universidade com um aprendizado de música; apenas 8,7% as estimavam como atividades incompatíveis. Predominava também a percepção de que o campus oferecia poucas condições e estímulos para atividades artísticas (85,8% do total).

O ACESSO À EDUCAÇÃO MUSICAL ANTES DA UNIVERSIDADE

Analisaremos nesta seção as informações da pesquisa sobre os(as) estudantes que estudaram música por um ano ou mais e que correspondem a praticamente um terço do total (32,4%; n=149). Levando em conta respostas múltiplas e discursivas, constata-se que, em relação ao total de 459 questionários, 17,9% estudaram violão, 6,5% guitarra, 6,1% algum tipo de flauta, 4,8% piano, 4,1% bateria e 3,9% teclado; mas há também os que, em menor número, estudaram baixo, viola caipira, cavaquinho, ukulelê, berimbau, percussão, violino, clarinete, violoncelo, saxofone e trompete.

Também em relação ao total de discentes pesquisados (n=459), 8% se dedicaram a algum instrumento por um período de um a três anos; 14,4% o fizeram por três a seis anos; e 9,6% por seis anos ou mais. Grande parte deste empenho ocorre com o recurso a aulas particulares, escolas de música, conservatórios. Assim, 12,4% tiveram aulas durante um ou dois anos; para 10,4%, as aulas ocorreram por um período de três a seis anos, e para 5%, por mais de seis anos; uma pequena parcela de 2,6% do total estudou algum instrumento por um ano ou mais, mas sem recorrer a aulas ou a elas recorrendo por menos de um ano.

Pouco mais da metade (54,4%; n=81) dos que estudaram música por um ano ou mais chegaram a tocar em dupla ou em grupo, o que corresponde a 17,6% do total de discentes pesquisados; cerca de 15% do total de discentes realizaram alguma apresentação musical em público; 4,3% tocaram em algum estúdio de ensaio ou gravação e 1,5% chegaram a tocar profissionalmente; os que tocaram apenas sozinhos representam 10,2% do total, ou seja, quase um terço dos que estudaram/praticaram música por um ano ou mais.

Dentre estes(as) discentes que chegaram a se dedicar à música por um ano ou mais, 57,0% (n=85) já tinham abandonado a prática ao ingressar na Universidade. Foram levantadas algumas informações sobre esta descontinuidade: 41,8% deixaram o estudo ou a prática musical nos dois anos anteriores ao ingresso na universidade, predominantemente durante o ensino médio; em 25,4% dos casos, esta interrupção ocorrera entre três e cinco anos antes do ingresso na universidade, ou seja, nos últimos anos do ensino fundamental; os demais 32,8% deixaram o estudo de música havia seis anos ou mais; por outro lado, 9,4% dos que haviam estudado música por mais um ano ou mais retomaram o estudo de música durante a graduação.

Entre os que estudaram música por um ano ou mais, 40,7% vinha mantendo esta atividade com alguma frequência no momento de ingresso na Universidade. Durante os estudos de graduação, neste subgrupo, 12,1% (n=7) deram continuidade e 10,3% (n=6) passaram a se dedicar ainda

mais à prática musical, ou seja, pouco mais que um quinto do total. Mas 37,9% reduziram bastante, 20,7% (n=12) reduziram um pouco e 18,9% interromperam as práticas musicais que vinham realizando.

A pesquisa de campo revelou ainda que 10,3% do total de discentes pesquisados (n=459) dedicaram entre uma a três horas semanais ao estudo ou prática de algum instrumento musical; 4,1% dispensaram entre quatro e oito horas semanais para esta atividade; e apenas 1,1% destinou oito horas ou mais por semana para a atividade musical. De qualquer forma, cerca de 15% dos graduandos pesquisados vinham praticando ou estudando música durante a graduação.

Entre os que estudaram música por um ano ou mais (n=149), incluindo aqueles que já haviam deixado de praticá-la antes mesmo de ingressar na universidade, 24,8% (n=37) indicaram que não tinham interesse em tocar com outros discentes; e 73,1% (n=109) assinalaram que gostariam de participar de iniciativas dessa natureza; destes interessados em novas oportunidades de prática musical no ambiente universitário, 70,6% (n=77) informaram que, apesar do interesse e disposição, não dispunham de tempo ou condições; e 29,4% (n=32) estimavam que tinham tempo e condições e que poderiam participar de atividades musicais na universidade. Assim, 21,5% dos discentes que estudaram música por um ano ou mais (n=149) manifestaram interesse e disponibilidade de tempo e condições para participar de atividades musicais no campus, o que abrange parte dos que interromperam o estudo de música antes do período universitário.

Tabela 3. Acesso à educação musical entre discentes do CCA/UFSCar (2019)

	Estudaram música por um ano ou mais (n=149)	Referente ao total (n=459)
Tocaram apenas sozinhos	31,5%	10,2%
Tocaram em grupo/dupla	54,3%	17,6%
Tocaram em estúdio	13,4%	4,3%
Tocaram em público	46,3%	15,0%
Atuaram profissionalmente	4,7%	1,5%
Tocavam ao ingressar na Universidade	40,6%	13,2%
Não tocavam mais ao ingressar	59,5%	19,3%
Voltou a tocar após ingresso na Univ.	5,6%	1,8%
Passou a tocar ainda mais	4,2%	1,4%
Continuou a tocar como antes	6,3%	2,0%
Reduziu um pouco a prática musical	9,1%	3,0%
Reduziu bastante a prática musical	25,2%	8,2%
Gostaria e pode tocar com discentes	21,5%	7,0%
Gostaria, mas não tem tempo/cond.	51,7%	16,8%
Disponibilidade para ensinar	14,8%	4,8%
Ensinaria sem remuneração	10,1%	3,3%
Ensinaria com remuneração	4,2%	1,3%

Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Do universo discente pesquisado (n=459), 11,5% (n=53) consideravam que tinham condições de ensinar outros discentes iniciantes interessados no aprendizado de música; 1,5% (n=7) se consideravam aptos para o ensino de música em um nível intermediário; 4,8% indicaram que dispunham de tempo e condições para participar de atividades de extensão voltadas para o ensino de música; 3,3% afirmaram ter tempo/condições e manifestaram-se dispostos a ensinar outros discentes mesmo sem remuneração; e 1,3% afirmaram que tinham tempo/condições e ensinariam outros discentes mediante algum tipo de contrapartida financeira.

O POTENCIAL DA EDUCAÇÃO MUSICAL NA UNIVERSIDADE

Avaliaremos nesta seção os dados da pesquisa de campo realizada no CCA/UFSCar sobre o interesse pelo aprendizado e participação em práticas musicais. Os dados

foram levantados, como informado acima, em um contexto em que começava a ser divulgado, informalmente, que o campus passaria em breve a contar com um estúdio de ensaios musicais e que poderia comportar iniciativas em educação musical.

Dos 459 discentes de graduação que participaram da pesquisa, 33,5% (n=154) não chegaram a estudar música antes de ingressar na universidade e 32,7% (n=150) estudaram por um período menor que um ano. Nestes dois grupos que não tiveram formação musical ou a tiveram de forma muito breve, o interesse em aprender a tocar algum instrumento musical foi apontado por 53,9% (n=164); a disposição para cantar foi indicada por 15,8% (n=48) dos entrevistados neste subgrupo, em sua maior parte (9,5%; n=29) com interesse em também aprender a tocar algum instrumento.

Assim, neste subgrupo com menor acesso à educação musical, o total de discentes interessados em cantar e/ou em aprender a tocar algum instrumento chegou

a 60,1% (n=183); e os que, além disso, indicavam disponibilidade de tempo e condições foi de 36,2% (n=110). Vale notar que, como mostrado acima, entre os discentes que estudaram música por um ano ou mais, a indicação de interesse e disponibilidade de tempo/condições para a prática musical foi bem menor: 21,5%.

Dentre os 459 discentes pesquisados, 49,7% manifestaram interesse por algum instrumento específico (n=228, com repostas espontâneas e múltiplas), sendo que 28,5% indicaram violão (n=131), 11,4 % piano (n=53), 7,3% violino (n=33), 6,1 % teclado (n=28), 6,1% bateria (n=28), 3,5% flautas (n=16), 3,2% baixo (n=15), 3,0% guitarra (n=14), 3,0% viola caipira (n=14) e 2,8% percussões (n=13); outros instrumentos citados, em menor frequência, por alguns discentes foram: gaita, ukulelê, saxofone, sanfona e violoncelo, entre outros.

Há entre os discentes pesquisados (n=459, respostas múltiplas) uma expressiva variedade de estilos musicais preferidos: rock (287), MPB (285), música sertaneja (198), blues (164), samba (162), funk (149), música de raiz (148), pagode (149), hip-hop (137) jazz (131) e bossa nova (102). Além destes, foram mencionados, espontaneamente, música clássica, eletrônica, reggae, instrumental, pop e indie, entre outros.

Durante a graduação, 18,3% dos discentes participaram de alguma atividade musical, como por exemplo, a Batuccana, um grupo de choro em um projeto de extensão, a apresentação em saraus e eventos, a atuação em bandas ou orquestras, em aulas de algum instrumento, em cantorias em repúblicas; mas a vasta maioria (81,7%; n=375) não chegou a citar qualquer participação em atividades musicais durante sua vivência estudantil universitária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos estudos evidenciam a relação entre desigualdade social e acesso à educação musical; no mesmo sentido, a pesquisa de campo realizada no CCA/UFSCar mostra que os(as) discentes de graduação que cursaram o ensino médio em escolas privadas tiveram melhores oportunidades e estudaram música em maior proporção e por mais tempo em comparação com os(as) discentes oriundos das escolas da rede pública; e que as mulheres, ainda que tenham expressado a percepção de que tiveram oportunidades não muito inferiores àquela verificada entre os homens, acabaram por ter um acesso proporcionalmente menor. Esse cenário aponta para a importância e a atualidade de pesquisas com enfoques sociais, econômicos e culturais nos processos de educação musical nas instituições de ensino em todos os níveis.

Sabe-se que na educação musical no Brasil predominam as aulas particulares e em conservatórios e escolas de música, ou seja, no universo da educação não-formal privada, ainda que se possa indicar as atividades realizadas na rede pública de ensino e projetos realizados, fora do ambiente escolar, por prefeituras, governos estaduais e organizações não-governamentais. Por outro lado, entre os que acessam as opções disponíveis, há uma certa descontinuidade neste aprendizado durante o ensino básico, fundamental, médio e também na universidade.

Parte expressiva dos estudantes universitários que tiveram pouco acesso à educação musical manifesta interesse em novas oportunidades de educação musical durante a graduação. As ações visando o acesso à educação musical na universidade, como é o caso do Estúdio de Ensaios Musicais

no CCA/UFSCar, como relatado acima, podem ser interpretadas como uma forma de reconhecer os limites no acesso à educação musical e de oferecer novas oportunidades à comunidade estudantil.

A instalação de estúdios para o público universitário em geral pode contribuir para formação artística e cultural de discentes, docentes, técnicos e comunidade externa, sobretudo quando se leva em conta que poucas pessoas conhecem e têm acesso a este tipo de equipamento. O recurso à formação de *comunidades de aprendizagem*, caracterizadas por maior horizontalidade e informalidade nas interações educacionais, pode ser uma das opções sobretudo para os contextos onde não há a disponibilidade de professores voltados especificamente para o ensino de música. Vale destacar que há vinculações inesperadas entre as ações voltadas para a educação musical e outros aspectos da cultura e da educação - e no caso específico do CCA/UFSCar, a instalação do Estúdio de Ensaios levou a uma proposta de pesquisa e de revalorização do patrimônio arquitetônico da antiga Senzala que compõe o espaço do campus.

A promoção da educação musical no ensino superior apresenta, portanto, um grande potencial a ser explorado, pois além de democratizar o acesso à cultura e a melhoria da sociabilidade e da qualidade de vida, permite ampliar a realização de atividades artísticas durante eventos científicos e culturais dentro e fora do espaço universitário, bem como o estabelecimento de novas relações com a comunidade externa, a realização de programas de extensão em musicalização para públicos específicos com menores condições de acesso e a possibilidade de criação de vinculações locais com professores de música na rede de ensino público básico,

fundamental, médio e educação de jovens e adultos, entre outras possibilidades.

A pesquisa de campo aqui apresentada foi realizada apenas com discentes, mas há interesse, ainda a ser analisado, por parte de docentes e demais servidores. Além disso, outros temas para futuras pesquisas qualitativas podem ser assinalados, como, por exemplo, os fatores de abandono no estudo de música, inclusive durante o ensino superior, as diferenças nas oportunidades e mecanismos de acesso entre estudantes de escolas públicas e privadas, os aspectos culturais na construção da desigualdade entre homens e mulheres e as peculiaridades e efetividade das iniciativas voltadas para a promoção da educação musical entre o público universitário em geral.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. **Introdução à Sociologia da Música**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

ALMEIDA, C.M.G. O multiculturalismo nas políticas públicas para a cultura, artes e música: a educação musical intercultural. In: **XVI Congresso da ANPPON**, 2006, UnB. Anais... Brasília: ANPPOM, 2006. p. 99-103.

ARROYO, M. Música na educação básica: situações e reações nesta fase pós-LDBEN/96. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 10, 29-34, mar. 2004.

BASTOS, R.J.M., Esboço de uma antropologia da música: Para além de uma Antropologia sem música e de uma musicologia sem homem. **Anuário Antropológico**, vol. 18, n. 1, pp. 9-73, 1995.

BORGES, D.S.L.; ALMEIDA, E.C. Musicalização, estratégia mnemônica para a compreensão dos conteúdos de biologia na EJA. **Interdisciplinary Scientific Journal**, v. 2, n. 4, p. 27-40, 2015.

BOUFLEUR, E.M. Musicalização na educação infantil: uma reflexão sobre as contribuições da música no desenvolvimento da criança. **Revista Magsul de Educação da Fronteira**, v. 2, n. 1, p. 48-70, 2017.

BOURDIEU, P. **Questions de sociologie**, Paris, Ed. de Minuit, p. 113-120, 1984.

BREUNER, B. **The birth of musicology from the spirit of evolution**: Ernest Haeckel's Entwicklungslehre as central component of Guido Adler's methodology for musicology. Tese de Doutorado. Universidade de Pittsburgh. Departamento de Música, 2011.

CAMPOS, L.M. A música e os músicos como problema sociológico. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. vol. 78, p. 71-94, 2007.

LIMA, J.C. Práticas docentes e inclusão de idosos na área de educação musical. **XVIII ENDIPE**, Anais... Cuiabá: UFMT, 2016.

DIAS, A.P.P. **Um estudo sobre música, educação musical e contexto na comunidade quilombola de Capoeiras do Rio Grande do Norte**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013.

FERNANDES, J. N. Educação musical de jovens e adultos na escola regular: políticas, práticas e desafios. **Revista da ABEM**, v. 13, n. 12, p. 35-41, 2014.

FIGUERÊDO, M. S. Fronteiras na Educação Musical com Idosos: um estudo de caso com características multidisciplinares. **XVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música**, Anais... Salvador: UFBA, 2008.

FUCCI-AMATTO, R. **Escola e educação musical**: (des) caminhos históricos e horizontes. Campinas: Papirus, 2016.

GOHN, M. G., STRAVACAS, I. O papel da música na educação infantil. **EccoS Revista Científica**, vol. 12, n. 2, pp. 85-103, 2010.

GOMES, H. C., MANRIQUE, A. A musicalização (Ritmo-Som-Corporeidade) como intervenção neurocognitiva de Habilidades Matemáticas. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, v. 6, n. 1, p. 75-83, 2015.

GORDON, E. E. **Teoria de aprendizagem musical**: competências, conteúdos e padrões. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

GREEN, L. Pesquisa em Educação Musical. **Revista da ABEM**, vol. 4, n. 4, pp. 25-35, 1997.

KEBACH, P. F. C. **Musicalização coletiva de adultos: o processo de cooperação nas produções musicais em grupo**. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

KLEBER, M. O. Práticas musicais em ONGs: possibilidades de inclusão social e o exercício da cidadania. **Fênix: Revista de História e Estudos Culturais**, v. 5, n. 2, p. 1-24, 2008.

LAZZARIN, L.F. Por uma crítica à Nova Filosofia da Educação Musical. **Educação e Realidade**, vol. 30, n. 1, p. 103-124, 2005.

LOURO, A.L; SOUZA, J. (Org), **Educação musical, cotidiano e ensino superior**. Porto Alegre, Tomo Editorial, 2013.

MARTÍNEZ, A. M.G. La música en el ámbito educativo: las comunidades de aprendizaje. **International Journal for 21st Century Education**, v. 3, n. 1, p. 15-24, 2016.

NOVIKOFF, C.; Gomes, H.C. Novos conceitos de musicalização para educação ambiental. **Revista Magistro**, v. 1, n. 11, p. 116-135, 2015.

PAGES, T.; WILLE, R.B. Educação musical e gênero: um estudo a partir do olhar de adolescentes sobre as mulheres. **XXIII Congresso Nacional da ABEM**. UFAM, Anais... Manaus: Associação Brasileira de Educação Musical, 2017.

PAIVA, B. B. **A musicalização dos surdos**: um relato de experiência de musicalização de alunos do Centro de Atendimento aos Surdos (CAS/Natal-RN). Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2012.

PENNA, M. Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio: uma ausência significativa. **Revista da ABEM**, v. 7, p. 7-19, 2002.

PEREIRA, M.V.M. Fundamentos teórico-metodológicos da pesquisa em educação: o ensino superior em música como objeto. **Revista da FAEEDBA: Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 221-233, 2013.

PIEIDADE, A.T.C. Música instrumental brasileira e fricção de musicalidades. **Antropologia em Primeira Mão**, v. 21, PPGAS/UFSC, Florianópolis, 1997.

PIRES, N. A. Identidade das licenciaturas na área de música: multiplicidade e hierarquia. **Revista da ABEM**, v. 9, p. 81-88, 2003.

RIBAS, M.G.C. **Música na educação de jovens e adultos**: um estudo sobre práticas musicais entre gerações. Tese (Doutorado em Música). Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ROMERO, N.H. A influência da educação musical na transmissão de papéis sociais associados ao gênero. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, v. 5, n. 1, p. 81-92, 2010.

SANTOS, C.B. Aula de música e escola: concepções e expectativas de alunos do ensino médio sobre a aula de música da escola. **Revista da ABEM**, v. 20, p. 79-92, 2012.

SHEPHERD, J. Music, culture and interdisciplinarity: Reflections on relationships. **Popular Music**, vol. 13, n. 2, p. 127-141, 1994.

SIQUEIRA, R.A.M. **Artivismo, gênero e educação musical**: perspectivas para uma transformação social. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2019.

SOUZA, J. A educação musical como campo científico. **Olhares & Trilhas**, Uberlândia, vol. 22, n. 1, 2020.

SOUZA, L.V.F. et al. O vínculo na musicalização de crianças em situação de abrigo. **VII Congresso Brasileiro de Extensão Universitária**. Anais... Outro Preto: UFOP, 2016.

TOMÁS, L. Uma reflexão sobre a estética musical e a Filosofia da Música. **Ouvirouer**, n. 5, p. 168-173, 2009.

VAUGHAN, D. Theory elaboration: the heuristics of case analysis. In: RAGIN, C.; BECKER, H. (org.), **What is a case? Exploring the foundations of social inquiry**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, p. 173-202, 1992.

WALTON, J. Making theoretical cases. In: RAGIN, C.; BECKER, H. (org.), **What is a case? Exploring the foundations of social inquiry**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, p. 121-137, 1992.